



# voices Mountain

Informe Brasileiro de Montanhismo e Escalada | Ano XXVI | #157 | set/out 2017

**AS 50 CLÁSSICAS  
DO BRASIL**

**SERRA DO  
CIPÓ**

**PARAPENTE NA  
PEDRA DA MINA**

**ESCALADA**

**MONTANHISMO**

**ESPECIAL**

LINHA TRAIL RUN

# RESISTÊNCIA E DURABILIDADE

**COLETE X-SKIN**

**SAIA SHORTS ORGANIC FEM.**

**CAMISETA ACTIVE RACE SEM MANGA MASC. E FEM.**

**CALÇA RACE COMPRESS MASC.**

**www.curtlo.com.br**

Conheça a linha completa em: [www.curtlo.com.br](http://www.curtlo.com.br)

Aonde você for!

© Gabi Canvalho

## ECOS DISCIPLINA

Veç ou outra um site ou notícia, conversa ou inquietação de escalada aparece, mas a inspiração para a coluna deste mês veio meio instintiva, depois de assistir um vídeo para minha aula de meditação sobre disciplina. Eu imagino que o vídeo tenha reverberado no meu inconsciente, pois ao sentar para escrever surgiu bem clara a frase: disciplina não ter, jedi jamais será.

ALESSANDRA ARRIADA | RS

Quem escalava na época que nem se tinha sapatilha, viajava e ficava na casa de escalador, era do tempo de não muita internet e tem saudade da camaradagem de uma comunidade unida e minúscula de escalada, lembra dessa via casca grossa gaúcha. Eu nem morava no meu Estado, mas vibrava com as revistas HeadWall emprestadas pelos amigos mais experientes e ouvia atenta as histórias das visitas ilustres na ilha, Thiago Balen, Juliana Petters e Ronaldo Franzen Nativo. A via foi o primeiro 11a brasileiro, escalado pela primeira vez no começo de 2007. O escalador gaúcho Vinicius Toderó, o Vini, mandou a via que ele mesmo abriu na Gruta da Terceira Léguas em Caxias do Sul: *Disciplina não ter, Jedi jamais será*. Ela ficou um tempão até sua repetição e confirmação do grau, e tinha nada mais nada menos que 55 movimentos. Mas a parte a beleza impressionante deste lugar conhecido de escalada super negativo e da importância para a escalada, sendo listada em vários sites por muito tempo como uma entre sete das vias mais difíceis brasileiras, a nomenclatura criativa dessa desafiante e hercúlea tarefa remete a uma outra tarefa importante na nossa vida, a da disciplina.

O mais curioso, e chamo atenção para mostrar como ecoou em todo mundo esta via, já li em vários lugares e sempre ouço de vários escaladores no momento do sufoco: "Disciplina não ter, Jedi nunca será". Sim, ela virou sinônimo pra todo mundo de treino, de determinação, de disciplina. Sem saber, ela profetizava uma escalada mais emblemática, mais profissional, com mais graus, treinos, planilhas, muros especializados e até suplementos, variadas sapatilhas e vestuário performático (adeus tênis de futebol sem sola). Mas agora, exatamente dez anos depois, vivemos uma reflexão hedonista sobre tudo isso. Com o conceito de disciplina mais explicado, mais contextualizado, mostrando para quê veio, e para quê serve. Segundo o vídeo inspiração dessa coluna, para ter a tão almejada disciplina, precisamos de intimidade. Sim: conhecer, gostar, ter afeição e apreço pela tarefa. Ter garra, determinação sim, vestir a marca tal, ter 2% de gordura, tudo bem, mas de nada adianta, não virá a motivação se não estiver no brilho do nosso olhar a atividade ou esporte, ou tarefa, ou via. Vai travar. Vai chegar um ponto e...deu. Precisamos ter conhecimento do nosso esporte, ser detalhista, ler, ser conhecedor.

Precisamos nos envolver. Pra fazer todo dia, se não é trabalho, se não é obrigação, é amor. E mesmo no trabalho, precisamos de amor. Precisamos nos doar, ser íntimos. Pra saber aonde vamos chegar, conhecer nosso corpo, nossas reações, para fluir. Prática incessante. Aprendizado. Conhecimento. Intimidade. Repete. Isso é disciplina. Não é seguir uma planilha no automático. É monótono muitas vezes, mesmo com motivação. Mas com humildade e doação visceral vivemos mais, somos mais. Sabendo que nada sabemos, chegamos além. Ajudando o outro. Olhando para o outro do lado. Se transformando. Não é sobre ir para o muro e fazer 1000 repetições. O muro era outrora um lugar de tanto divertimento e sorrisos, de tanto suor e ajuda, e agora todo mundo baixa a cabeça e completa o treino do dia sem nem dar segue para o novato do lado, perdendo de estreitar um laço de aprender fora do umbigo, de ensinar, de se retroajudar. Ou pior, não fala com o outro para não contar sobre o novo lugar de escalada, isto era impensável anos atrás e agora ouvimos de não um, mais dois ou até três lugares secretos de escalada, fechados para usuários limitados. Sério que esses usuários são escaladores? De que escola, de que mundo, o

que comem, como sobrevivem? Melhorar no esporte para mim é bem além. É melhorar como indivíduo, é se tornar melhor, isso para mim é evolução, e isso, meu amigo, requer muita disciplina. É uma busca diária. É alimentar nosso lado bom a cada discussão, a cada pensamento ruim, a cada provação. É acalmar, aquietar, e escolher como seremos, todo o tempo. É unir, é integrar, é saber conviver com o outro. Sem nem entrar no polêmico mérito, mas não temos persistência para tentar entender o outro, mesmo ele tendo os mesmos gostos, as mesmas afinidades, mesmo assim é difícil. Disciplina é perseverar, é insistir, é sofrer até conseguir. Só assim conseguimos nossos objetivos, merecendo, sendo bons. Quando trazemos um movimento, uma via, uma meta, uma escalada, se persistirmos no nosso caminho, sem passar por cima de ninguém, sem omitir desavenças, sendo pessoas boas e honestas e tendo paixão pelo almejado, chegamos lá. Ou do contrário, ao meu ver...não será. Bons ventos e boas escaladas a todos.

**TRILHAS & RUMOS**

A SUA COMPANHEIRA DE AVENTURAS

**MOCHILA CAMPUS NET 2**  
TODA EM LONA DE NAILON REFORÇADO, COM ALÇAS ANATÔMICAS E ALÇA DE MÃO PARA TRANSPORTE. PERFEITA PARA A TRILHA OU PARA O DIA A DIA.

**MOCHILA CRAMPON 31**  
RESISTENTE, CONTA COM BOLSO FRONTAL COM DIVISÕES PARA CELULAR, DOCUMENTOS E ITENS PESSOAIS E CONTEM CAPA DE CHUVA EMBUTIDA PARA PROTEÇÃO.

**ABRIGO TRILHAS WIND**  
PROTEGE DO VENTO E DA UMIDADE COM CONFORTO. IDEAL PARA ATIVIDADES AO AR LIVRE, BIKE OU MOTO E OCUPA POUCO ESPAÇO.

**MOCHILA CRAMPON 50**  
ESPAÇOSA PARA CONTER SUPRIMENTOS DE VIAGENS MAIS LONGAS EM AMBIENTES URBANOS.

**MOCHILA CRAMPON 40**  
SUAS ALÇAS MAIS RÍGIDAS GARANTEM UM MAIOR CONFORTO E PODE SER UTILIZADA TANTO EM TRILHAS COMO NA IDA AO TRABALHO OU FACULDADE.

**BARRACA FLASH 2**  
LEVE E PRÁTICA, COMPORTA ATÉ DUAS PESSOAS E TEM RESISTÊNCIA DE 2.000MM DE COLUNA D'ÁGUA.

**SACO DE DORMIR ESSENCE**  
CONTA COM EMBALAGEM ACOPLADA, QUE SERVE DE BOLSA DE TRANSPORTE E TAMBÉM COMO TRAVESSIEIRO. IDEAL PARA BAIXAS TEMPERATURAS.

**ARRIL EM ALUMÍNIO PKOTA 2**  
CONJUNTO COMPLETO DE ARMAÇÃO EM ALUMÍNIO PARA A BARRACA COTA 2 (TOTAL DE 18 SEGMENTOS).

[WWW.TRILHASERUMOS.COM.BR](http://www.trilhaserumos.com.br)

21 2742-9652

Solo Outdoor & Travel

## JAQUETA TEMPEST\*

ELEITA PELA SEGUNDA VEZ A MELHOR JAQUETA IMPERMEÁVEL PELO GUIA DE EQUIPAMENTOS DA REVISTA GO OUTSIDE.

Impermeável e Respirável (15000 / 15000)

\*A Linha Tempest é composta por jaquetas e calças femininas e masculinas.

GO OUTSIDE EQUIPAMENTO DO ANO

solo.ind.br

5

www.mountinvoices.com.br

# Um dia qualquer de descanso

Texto + Imagem: Roni Andres



É um dia qualquer de descanso da escalada e do trampo. Início o ritual de todas as manhãs, água e limão meia hora antes do café alternativo, a base de frutas, iogurte de soja, pão integral, etc. Herança do tempo em que abandonei certos hábitos alimentares que não me faziam bem, das experiências adquiridas nos últimos 18 anos de testes em mim mesmo e reforçadas ainda mais nos últimos 3 anos pela formação de Iridologista/Naturopata realizada em Trento.

Passo alguns minutos no celular me informando do que acontece no Brasil, Rio grande do Sul, lendo notícias do meu time do coração, o Grêmio, e um pouco de redes sociais.

Hora de iniciar e colocar tudo em ordem, equipes que ficaram na mochila do dia anterior devido ao cansaço, corda, costuras, roupas e etc. As sapatilhas e cadeirinha mesmo cansado, tiro sempre da mochila e boto pra ventilar assim que coloco os pés em casa. Enquanto organizo as tralhas a cafeeira inicia a chiar - o meu pequeno vício de todas as manhãs fica pronto. Um bom café pra dar aquela energia e convencer o corpo que é hora de iniciar o dia.

Vou em direção ao mezzanino, onde está o computador, todos os meus livros de estudo, minhas relíquias e os guias de escalada dos lugares onde já estive. E porque não, aquelas onde pretendo um dia visitar?

Nesse meu pequeno ângulo, passo do papel para o PC a(s) via(s) encadenadas nos dias anteriores, sempre tenho alguma pra anotar, é claro. Sem distinção de grau, escrevo nome, número de tentativas, data, e faço um comentário se a via me mar-

cou por algum motivo. É uma coisa que eu sempre fiz. E repassar essa lista volta e meia, me traz muito boas recordações. Conheço várias pessoas que também anotam seus encadenamentos mas somente de 7a(fr) 7c(Br) pra cima.

Como disse antes, eu anoto sem distinção de grau, pois quando iniciei, não tinha ideia do que poderia escalar um dia. Naquele período, por diversos motivos o grau não era minha primeira prioridade, o que considero hoje um bem; sendo assim todas as vias que encadenei carregam em si parte da minha pequena história como escalador, como as inúmeras horas feitas em carro e ônibus pra conhecer um lugar novo, o frio dentro da barraca quando não tinha acesso a equipamentos melhores, o rango muitas vezes não adequado ao esforço físico, parcerias, risadas, frustrações, dúvidas, medos, alegrias. Pra citar uma parte das emoções que a escalada nos presenteia... Como esquecer também das vias não encadenadas... essas eu não anoto, se transformam sem nenhuma exceção em experiências, pois, mostram minhas limitações, me fazem ser mais humilde, me ensinam a pensar e procurar sempre a estrada para melhorar, todas experiências muito positi-

vas, pelo menos pra mim.

Depois de alguns minutos "viajando" retorno ao presente, uma outra paixão que requer minha concentração, a fotografia. Essa eu carrego dos primeiros "Comitês" em Ivoti. Quando meu amigo Naoki Arima imitando o filme de Van Damme 'O Grande Dragão Branco', organizava essa competição somente pra convidados, e com direito a pergaminho de convite. Nesse período com sua Sony Cybershot de 1 mega eu fazia meus primeiros clics de escalada, aproveitando a minha pausa do evento e fazendo fotos das outras categorias. Hoje com um pouco mais de ferramentas na mão, tento sempre que possível, passar não só a imagem de um determinado momento, mas também um pouco da emoção desse bellissimo esporte. O mesmo pensamento vai também para as fotos de paisagem que fazem parte de todo o contexto vivido por um escalador. Terminada a seleção das minhas fotos passo algumas para o Face ou Instagram, os meus meios, junto com as guias de boulder e escalada aqui da região para vincular as mesmas, isso sempre quando fico feliz com o resultado. Nesse momento entre tantas fotos no Lightroom, o meu pensamento se perdeu

novamente com todas as lembranças vividas em função da escalada, mesmo não sendo em maneira profissional; falésias conquistadas, escaladas, projetos, amizades, inimizadas, dinheiro gasto com equipamentos, cursos, máquina fotografica, gasolina, chapeletas e parabolts, furadeira, todos os sentimentos descritos anteriormente...Passa um pouco de tempo e outra vez devo retornar a mim mesmo; me dou conta que a escalada ditou de uma certa forma meu modo de ser, de alguma maneira me ajudou, e depois me levou pra viver 12.000 km longe de casa, me dou conta também que no meu caso nada foi forçado, tudo seguiu o curso que deveria seguir, e com certeza refarei tudo com o mesmo entusiasmo; percebo que alguns amigos e pessoas que conheço fizeram o mesmo, e nesse momento me vem em mente a frase de um outro amigo: "A escalada é um caminho que não leva a lugar algum, mas te ajuda construir uma vida!". Meto os fones de ouvido, rola algum rock das antigas, eu sou feliz e tranquilo por ter escolhido essa estrada e pela escalada fazer parte da minha vida, aumento o volume, hoje estou de boa, pois é um dia qualquer de descanso da escalada e do trampo...

Roni Andres tem apoio de Five-Ten.

## CASA DE PEDRA



### AGORA EM NOVO HORÁRIO

Seg. - Sex. : **6:00** às 23:00hs.

[www.casadepedra.com.br](http://www.casadepedra.com.br)



Texto + Imagem: Naoki Arima

## II Copa Capixaba de Escalada de Dificuldade

Após um jejum de quase 20 anos sem um campeonato de dificuldade no Espírito Santo, no final de julho aconteceu no ginásio poliesportivo do Instituto Federal do Espírito Santo (IFES), em Venda Nova do Imigrante, a 2ª Copa Capixaba de Escalada de Dificuldade com a participação de 19 competidores (7 na categoria feminina e 12 na masculina).



O evento foi dividido em três etapas: uma classificatória, semifinal e final, sem corte entre as etapas na categoria feminina e com corte apenas para fase final da masculina. Na classificatória feminina, as meninas passaram o rodo na 1ª via com muitos tops. Ali já ficou claro que elas não estavam para brincadeira e mostraram que tinham muita gana. Como route-setter deste evento, tentei montar uma via mais tranquila para tentar quebrar o gelo da escalada, pois muita gente não tinha experiência em muro guiado, assim como em uma competição de escalada. A classificatória masculina foi uma variação da feminina com menos agarras. Tentei manter o mesmo espírito do feminino e o resultado foi que praticamente todos fizeram top. A ideia original não era fazer variações de uma via para cada categoria, pois acaba.

Na semifinal, o buraco já foi mais embaixo e a via mais apertada. Aquela moleza da classificatória ficou para trás e deu lugar a uma via mais exigente. Na categoria feminina a classificação ficou bem escalonada com apenas um top da Luciola Selia que aparentemente não esboçou muita dificuldade para mandá-la. Já no masculino, a ideia era: quem mandasse garantia o passaporte para final. Mais uma vez, a via foi uma variação da feminina, mas muito mais dura e exigente. Ao final desta etapa cinco competidores fizeram top e garantiram uma vaga para final, juntamente com o Renan Cavalcante que quase mandou a via. A via da final feminina foi uma grande diagonal à esquerda, começando com uma seção "só para tijolar" um pouquinho, passando por um movimento que costuma ser o tendão de Aquiles das meninas, um

lançamento explosivo na borda do teto seguindo por uma sequência técnica de agarras medianas até o topo. Na somatória das três etapas, a forte escaladora Luciola Selia conseguiu fazer uma campanha mais regular e garantiu mais uma vitória. Em segundo lugar ficou a forte escaladora de boulder Talita Barbosa. Já o terceiro lugar ficou com a escaladora Fernanda Salomão que, mesmo um pouco afastada das escaladas, mostrou que não perdeu a gana. Na categoria masculina a final foi igualmente uma diagonal, porém, desta vez à direita, começando no negativo bombante, passando por pela borda do teto até o boulder final. O primeiro escalador a fazer a via com bastante consistência. Logo em seguida, o escalador Felipe Alves também mandou a via com certa facilidade. Neste caso, o critério de desempate foi o tempo de escalada. Quem escalasse mais rápido seria o vencedor. E como o Felipe escalou nove segundos mais rápido que o Luca, acabou levando o título da 2ª Copa Capixaba de Escalada de Dificuldade. Em

terceiro lugar, a grande surpresa foi o escalador Eric Penedo que garantiu o bronze por meio ponto de diferença em relação ao quarto lugar. A escalada esportiva de competição no Espírito Santo ainda está em fase embrionária, e o fato deste evento ser apenas o segundo da história mostra o quanto ainda temos de trabalho pela frente. A estrutura do IFES é um primeiro passo para evolução desta modalidade, mas ainda estamos muito longe do padrão nacional e anos luz do mundial. Mas a esperança é de que esse evento seja o primeiro passo rumo à consolidação das competições no Estado, seguindo a tendência nacional. E o Espírito Santo possui excelentes escaladores, e o que está faltando é um pouco mais de organização e estrutura para desenvolver a modalidade. Este evento foi organizado pela Associação Capixaba de Escalada (ACE) em parceria com o IFES e teve o patrocínio de Bonier Equipamentos, apoio de 4 Climb e Casas Marlin.

Mais que uma loja de equipamentos outdoor

**NA BIVAK VOCÊ ENCONTRA**  
Ambiente descontraído  
Assistência personalizada  
Suporte técnico  
As melhores marcas

Black Diamond PETZL edelweiss CAMP LA SPORTIVA  
CLIMB BONIER EQUIPAMENTOS CURTLO deuter THE NORTH FACE

**BIVAK**  
O U T F I T T E R

e-commerce: [www.bivak.com.br](http://www.bivak.com.br)  
11 2308 6995  
Rua Caramuru, 523  
Metró Praça da Árvore, São Paulo

**deuter**

**Workshop Deuter**  
Eventos gratuitos com a equipe da Deuter Brasil.

Produto técnico demanda conhecimento técnico!

**inscreva-se**  
[www.deuter.com.br/workshop](http://www.deuter.com.br/workshop)

# Decolando de Parapente da Pedra da Mina

Texto: Leandro Montoya  
Imagem: Vinicius Rodrigues



Contos das diversas expedições de Hike and fly nas temporadas de 2015 a 2017. A primeira decolagem da Pedra da Mina de que se tem notícia foi realizada por Sandro Cardoso em 12 de outubro de 2010. Sandro acampou no cume da montanha vários dias aguardando a condição adequada para decolagem e realizou um lindo voo com mais de 2.300m de desnível em direção ao Vale do Paraíba.

Passados alguns anos, nas temporadas de montanhismo de 2015 a 2017, diversos outros grupos partiram na esperança de realizar o sonho de voar do 4º maior pico do Brasil. Porém, não há garantia de sucesso em uma expedição hike and fly para Pedra da Mina.

O parapente é uma aeronave de voo delicado e um bocado de fatores favoráveis são necessários para uma expedição fechar o pacote caminhada, decolagem, voo e pouso.

Nós pilotos avaliamos a direção e velocidade do vento, formação das nuvens, local de decolagem e pouso. Uma variável influencia a outra, o que faz com que cada expedição seja sempre diferente. Nós investimos bastante tempo no estudo das condições meteorológicas para escolher um dia que possamos voar. Algumas vezes funciona, outras vezes não.

Na temporada de 2015 Fabio Ferreira “Pé” e João Simonsen acordavam no cume da Pedra da Mina ao lado de seus parapentes. Eles haviam subido

um dia antes e se espreguiçavam bem quentinhos pois, embora tivessem planejado realizar um desconfortável bivac a céu aberto, encontraram na noite anterior uma providencial barraca vazia (!) no cume da Pedra da Mina. Ao abrirem o zíper pela manhã, cheios de esperança, deram de cara com um céu cinzento e uma ventania de deitar o cabelo. Aguardaram o dia todo que o vento diminuísse a velocidade e a tarde, relutantes, decidiram descer caminhando ao invés de tentar uma decolagem e voo arriscados. Já na trilha de retorno, ao baixar um pouco a altitude, chegaram em outro gradiente de vento que permitia a decolagem. Saíram para o voo de uma rampa improvisada perto do Morro do Enganador e pousaram no vale que dá na estrada de acesso a trilha do Paiolino. Foi uma grande sorte e mérito para eles conseguir voar naquele dia.

Já em 2016, Fábio “Pé” e Eduardo Moraes, instrutor da Flylimit, voltaram a Pedra da Mina. Ambos em boa forma, escolheram subir a trilha do

Paiolino, que tem 1.200m de desnível e voar no mesmo dia, sem bivac ou acampamento no cume. Iniciaram a caminhada perto das 7h da manhã em ritmo forte, usando equipamentos leves e sem material de camping. Já no cume, receberam de presente o céu azul anil de um dia absolutamente sem vento. Assinaram o livro antes das 12h e saíram para um espetacular voo em direção noroeste, flutuando em direção a Passa Quatro-MG por cima do vale pelo qual fizeram a aproximação. A nova tática funcionou e eles a repetiram mais vezes. Claudio Romagnolo os acompanhou em uma das empreitadas de sucesso.

Esse modelo de expedição sem camping se tornou a preferida para outros grupos que tentaram voar na Mina dali para frente.

Logo na primeira vez que investi em hike and fly na Pedra da Mina, também em 2016, estava acompanhado de Álvaro Pidde e Fábio “Pé” (sim, ele de novo). A previsão era incerta. Os indicadores mostravam direção do

vento até adequada (N), mas a velocidade estava um pouco alta, no que seria o limite do aceitável. Arriscamos e partimos. A caminhada leva tempo, mais de 5h de peregrinação com uns belos 12kg de equipo. O desejo de voar nos levou ao cume sem paradas para descanso. Lá em cima uma ventata de gelar os ossos e a certeza de que teríamos que voltar caminhando. Gravei bem a cena do Pidde agachado ao lado da “rampa”, com os cabelos tal qual propaganda barata de xampu, eu podia sentir o coração dele chorando, não sei se pelo desejo não atendido de voar, ou se pela dor antecipada dos joelhos que já sabiam do longo caminho de volta.

Ainda em 2016, outra expedição organizada por Hilton Benke e Rafael Wojcik, montanhistas, pilotos e protagonistas do movimento Hike and Fly no Paraná, teve o mesmo destino. A estratégia deles foi iniciar a caminhada perto da 00:00h, subir até a área de camping do bambuzal, descansar, e continuar na manhã seguinte. Chegaram ao cume em bom horário, mas

precisaram voltar por conta do vento forte.

Em maio de 2017 estávamos Álvaro, Pé e eu novamente no cume da Pedra da Mina perto do meio do dia. Dessa vez o vento estava “no grau”, porém as nuvens estavam baixas demais e fechando todo o visua e impedindo a decolagem.

Ficamos horas no cume observando a condição e notamos algumas janelas no meio das nuvens permitindo visualizar a rota sobre o vale do lado norte da Pedra da Mina. Aproveitamos uma dessas janelas e decolamos. Em poucos minutos de voo acabamos dentro das nuvens, a legítima sensação de voar dentro de uma bolinha de ping-pong confiando unicamente na bússola para indicar o caminho a seguir. Acabei levado por correntes ascendentes dentro da nuvem e após bastante sacode desconfortável, fui cuspidado fora da nuvem a mais de 3.800m de altitude, batendo os dentes e congelando de frio, as gotículas de água escorrendo pelas linhas do equipamento. Depois do breve sufoco pousamos juntos em Passa Quatro-MG.

As investidas de sucesso dos diferentes grupos se espalharam na comunidade e outros pilotos mostraram inte-

resse em tentar. Ainda na temporada de 2017 uma expedição com 7 pilotos, a maioria de Atibaia, foi organizada por Eduardo Moraes seguindo o estilo “fast and furious” de subir e voar no mesmo dia. Lá estávamos nós mais uma vez passando friozinho no Cume da Pedra da Mina. Alguns dos pilotos participantes na expedição nunca haviam praticado Hike and Fly na vida e mostraram grande bravura na trilha, alimentados pelas generosas rodelas de parmesão e salame que o Edu ia servindo a cada parada de descanso. Já no cume, aguardamos por algumas horas na esperança do vento baixar e... nada. Mais uma vez voltamos caminhando para chegar moribundos na fazenda Serra fina, final (e início) da trilha do Paiolino, já noite e quase 14h depois de iniciarmos a atividade. Isso aconteceu em sábado 6 de maio.

Pouco depois de nos acomodarmos no banco dos carros, o celular tocou e recebemos o convite da turma de Monte Verde para tentar nova subida e voo no dia seguinte! Uff. Todos, moribundos, declinaram. Menos o Fábio “Pé”!

- Ei, caras, vamos subir amanhã de novo, a condição está espetacular e a turma de Monte Verde tá no gás!

Os irmãos Christian e John Boetcher,

Jefferson Estevam e Rodolfo Guedes estavam realmente animados. Fabio “Pé” se juntou e eles e iniciaram a trilha do Paiolino no domingo 7 de maio as 5h da matina. A manhã se desenvolveu com o céu absolutamente azul e vento fraco até que a expedição alcançou o cume. Contentes, eles descansavam um pouco para começar os preparativos da decolagem quando as nuvens entubaram tudo em menos de 15min! Persistentes, aguardaram sentados roendo os lanchinhos de montanha. Um deles aproveitou para cochilar e roncou alto enrolado no próprio parapente.

Perto das 16h, uma janela se abriu entre as nuvens, acima do Morro do Enganador. Foi o suficiente para Christian Boetcher e Rodolfo Guedes decolarem em direção norte em um parapente duplo, a primeira decolagem desse tipo na Mina. A rampa apertada permitia apenas uma saída por vez e John ficou por último. Sem ajuda para preparar a vela e com todos os amigos já voando, John observou uma brisa de vento sul entrar na “rampa”. Se o vento sul entra para valer, encerra qualquer chance de decolar para o lado norte. Tal qual os outros pilotos.

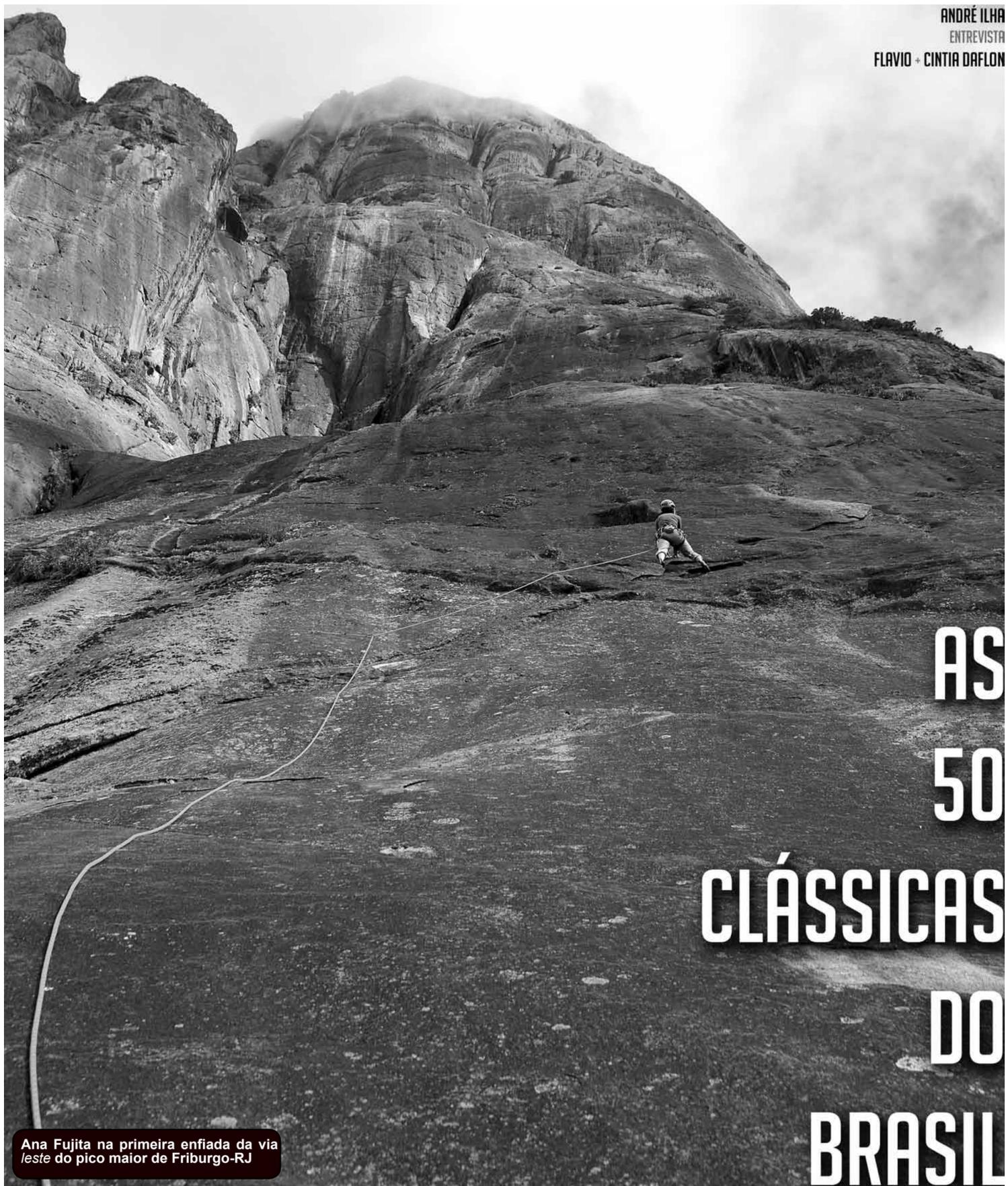
John respirou fundo e vislumbrou em

seu coração a possibilidade de ter que voltar caminhando sozinho. Sereno, ele preparou novamente o parapente, aguardou o vento sul parar para arrancar determinado em corrida forte para realizar decolagem épica no estilo alpino. Peito para frente e alguns momentos depois e ele se juntou aos amigos nos ares. Pousaram na cidade de Passa Quatro.

Não há garantia de sucesso em uma empreitada Hike and Fly e talvez seja justamente essa incerteza que faça da atividade tão interessante. Abrir o espírito para o porvir está no cerne da atividade montanhista. Não há certezas, apenas o desejo e o comprometimento. A jornada para o cume é sempre, sempre recompensadora e, quando a Mantiqueira nos deixa voar, assim fazemos. Quando não, agradecemos a oportunidade de estar ali, por nós e para nós mesmos. Abençoados com mais um cume de montanha.

Para saber mais sobre o Hike and Fly no Brasil, acompanhe as matérias aqui no Mountain Voices e nas redes sociais. Há também um blog com alguns roteiros bem explicados em [www.hikeandfly.com.br](http://www.hikeandfly.com.br).

**MOUNTAIN FESTIVAL**  
SÃO BENTO DO SAPUCAÍ  
1, 2 e 3 de setembro  
OFICINAS, PALESTRAS E ATIVIDADES ESPORTIVAS  
ESCALADA - CORRIDA DE MONTANHA - TREKKING - PARAGLIDER - YOGA  
BOULDER - SLACKLINE - MOUNTAIN BIKE - CICLO-VIAGEM - ALTA MONTANHA  
CINE MONTANHA E CONCURSOS  
[www.mountainvoices.com.br](http://www.mountainvoices.com.br)



# AS 50 CLÁSSICAS DO BRASIL

Ana Fujita na primeira enfiada da via leste do pico maior de Friburgo-RJ



O montanhista André Ilha entrevista Cintia e Flávio Daflon, autores do recém lançado 50 Vias Clássicas no Brasil.

#### Como surgiu a ideia de fazer um livro nesse formato?

(F) Na viagem que fizemos aos EUA em 2015 com o Ralf e o Tartari. Nos últimos dias da viagem surgiu o assunto e os dois colocaram bastante pilha para que nós fizéssemos um livro de vias clássicas no Brasil. Voltamos, começamos a organizar as idéias e aproveitamos o EENE em Quixadá (CE) para começar a mapear as vias.

#### Como foi o critério para escolha das áreas enfocadas?

(F) Buscamos incluir as principais áreas de escalada de cada estado com alguma tradição em escalada. Áreas que tivessem belas montanhas, bonitas vias e fossem populares.

#### E das vias em cada área?

(F) Quanto as vias, fizemos contatos com escaladores locais, explicamos a ideia do livro e pedimos sugestões de vias. Na internet buscamos mais informações sobre cada uma delas, como fotos, croquis, relatos, etc. Depois visitávamos cada local para escalar as vias que consideramos no perfil do livro. Comparamos as vias e colocamos na balança fatores como beleza

da linha, imponência da montanha, popularidade, história, se a via atinge o cume, dificuldade, entre outros. Vias bonitas, porém extremas em dificuldade ou risco, não foram escolhidas devido a baixa frequência. Assim como também não foram incluídas vias muito repetidas, mas pouco interessantes. Buscamos um equilíbrio.

(C) Também tentamos manter um nível médio de dificuldade para acesso a maioria dos escaladores

#### Houve cumeira, ou seja, pessoas reclamando que esta ou aquela via deveria ter entrado no livro no lugar de outras?

(F) Com o livro impresso não chegou a mim nada nesse sentido, mas é impossível ser unanimidade, as opiniões são as mais variadas. Era perceptível isso durante o levantamento das vias. Todo mundo tem uma via que gosta muito e gostaria de ver em um livro como as 50 clássicas. Como escrevemos no início do livro, não estão lá as vias MAIS clássicas do Brasil, fizemos apenas uma seleção de belas vias que escalamos e gostamos. São vias que indicaríamos para um amigo por exemplo. Mas claro, existem muitas outras vias tão boas quanto, apenas

escolhemos 50.

#### Quanto tempo levou para que o projeto se concretizasse, do planejamento à gráfica?

(F) Foram praticamente 2 anos, de julho de 2015 a abril de 2017.

#### Um projeto assim é financeiramente viável? Ou pode dar prejuízo, valendo mais pelo amor à causa e pela satisfação pessoal dos autores?

(F) Estamos navegando no limite entre o financeiramente viável e o inviável. Lembrando que tivemos muitas despesas ao viajar para todos os locais e que a impressão de um livro neste formato é bastante cara. Sem contar o tempo que deixei de trabalhar como guia da Companhia da Escalada para me dedicar ao projeto. Demos azar também de coincidir a elaboração do livro com uma grande crise no país, o que prejudicou muito a captação de patrocínio. Mas decidimos levar adiante mesmo assim. Porém dependemos muito das vendas. Todo escalador que acredita que seja um livro importante para a escalada brasileira pode nos ajudar comprando e/ou nos ajudando na divulgação.

#### A Companhia da Escalada é hoje o principal canal de venda de livros de montanha e aventura e guias de escalada de todo o país e, mais recentemente, virou também editora no mesmo gênero. Presta, assim, um inestimável serviço à comunidade. Como foi que isso aconteceu: foi fruto de um planejamento prévio ou as coisas foram acontecendo aos poucos e deu nesse resultado?

(F) Foi acontecendo aos poucos, desde o lançamento do Guia da Urca em 1996. Depois vieram o Guia da Floresta, o Escalade Melhor e com Mais Segurança, o Mapa das Trilhas do Maciço da Tijuca, O Caminho do Guerreiro da Rocha, o Guia de Itacoatiara, Treinamento Expresso e agora a edição do A Escalada Brasileira do Antonio Paulo Faria, e o 50 vias clássicas no Brasil. No nosso site vendemos

não só os nossos livros mas também dos mais diversos autores e regiões do Brasil. Livros de montanha, de relatos a guias de escalada.

#### Como vocês veem o cenário atual das publicações voltadas para a escalada, o montanhismo e a aventura no Brasil?

(F) Sem dúvida aumentou bastante, principalmente o número de guias de escaladas publicados. E sabemos de vários que ainda estão por sair. Isto é ótimo, é informação útil. A comunidade deve apoiar.

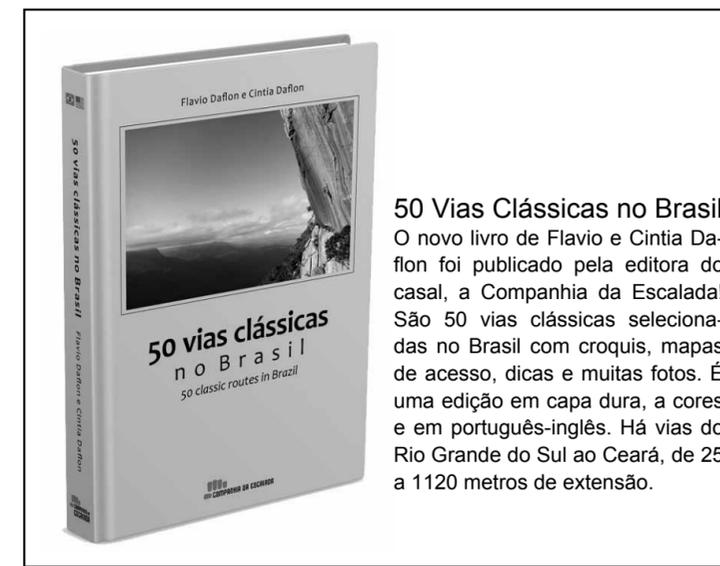
#### Há livros bons e livros medíocres nesse gênero no país. Como fazer para incentivar a produção de obras de qualidade e bem produzidas, em detrimento de trabalhos toscos ou apressados?

(F) Para um livro ser bem feito, primeiro é preciso ter conhecimento do assunto, só boa vontade não basta. É preciso tempo, muita pesquisa, conversas com outros escaladores e ir a montanha. Não adianta ficar mal feito e não ser bem aceito pela comunidade.

(C) Tem que haver a conscientização de que a publicação de uma boa obra leva tempo. Não adianta querer produzir algo em menos de 6 meses que não funciona. É importante saber que exige tempo e o retorno vai demorar um pouco, não é imediato. Mas é prazeroso saber que fez um bom trabalho e receber elogios e reconhecimento pelo mesmo.

#### Que conselhos vocês dariam para os novos autores no gênero?

(F) Além das dicas na resposta anterior, diria que em casos de guias de escalada é melhor se concentrar em uma seleção das vias e setores mais populares, imprimir uma primeira edição de boa qualidade e depois, em uma nova edição ir adicionando outros setores e vias. Assim se reduz o tempo de elaboração do livro, os custos e tem-se mais tempo para se preocupar com a qualidade das informações fornecidas. Menor o risco também de se desistir do projeto devido ao grande trabalho de se fazer um guia "completo".



#### 50 Vias Clássicas no Brasil

O novo livro de Flávio e Cintia Daflon foi publicado pela editora do casal, a Companhia da Escalada! São 50 vias clássicas selecionadas no Brasil com croquis, mapas de acesso, dicas e muitas fotos. É uma edição em capa dura, a cores e em português-inglês. Há vias do Rio Grande do Sul ao Ceará, de 25 a 1120 metros de extensão.

# BELAS PEDRAS: OS PICOS DO CIPÓ

"Só porque você ama a montanha não significa que a montanha ame você." Lou Whittaker

"Existem outros Annapurnas nas vidas dos homens." Maurice Herzog

Vou escrever sobre três montanhas situadas na Serra do Cipó, em seguida ao artigo sobre o PN da edição anterior. Duas delas são muito conhecidas e próximas, já que convivem na mesma serra. A terceira é distante e ignorada, mas é o ponto culminante de toda esta deslumbrante região.

Alberto Ortenblad | SP

## Belas Pedras (LX): Pico da Lapinha

Lapinha da Serra é um vilarejo bucólico, logo acima de Santana do Riacho, um enorme município que contém boa parte da Serra do Cipó. A sede do Parque Nacional fica em um de seus distritos, mas a Serra do Abreu, da qual falarei abaixo, é ainda uma propriedade particular.

Essas vilas estão passando por um surto de crescimento: mal reconheci Santana quando nela cheguei por uma nova rodovia asfaltada – a única coisa em comum com o passado era a natureza à sua volta. Já a subida pelos 12 km de terra até a Lapinha percorreu a mesma estradinha de terra que um dia eu tive de subir a pé.

O cenário de Lapinha da Serra é deslumbrante, pois o vilarejo acontece entre as escarpas da Serra do Abreu e o espelho d'água da

Lagoa da Lapinha. A primeira é uma longa formação que decora todo o seu lado leste e a segunda é um lago com 6 km que resultou da construção de uma represa. Ao atravessá-lo na sua parte rasa, você encontrará um penhasco com dezenas de pinturas rupestres.

O Pico da Lapinha chega a ser opressivo, devido à proximidade e elevação de sua parede, que parece observar com severidade o vilarejo lá em baixo. Sua trilha é um tanto óbvia, pois percorre suas encostas diagonalmente num sentido norte. A certa altura, você passará pelos altos da Cachoeira do Rapel - existe outra na região, e aparentemente mais procurada: é a do Lajeado, a 3 km mais ao sul, mas longe da trilha.

Apesar de óbvia, esta não é uma trilha fácil – se é que existe alguma no Espinhaço. Seu piso é muito irregular, alternando trechos em rocha, pedregulho e terra, alguns

espremidos entre matacões, outros bastante íngremes ou em sucessivos degraus. Serão talvez 2 hs até que você alcance uma casa de apoio 4½ km após a partida da vila. Ela mira diretamente o pico e pertence ao mesmo dono da montanha, Ildeu Laborne (se é que uma montanha pode pertencer a alguém).

Dalí até o cume será uma rampa que, em 20 min, vence o ½ km final. Você estará a 1.585m de altitude, após uma ascensão significativa, de quase 600m. Lá de cima você encontrará uma pequena cruz e contemplará o bonito panorama de Lapinha da Serra à sua frente. Ao lado, verá a formação dos Três Irmãos e, às costas, a discreta corcova do Pico do Breu, que será seu próximo objetivo.

Com a sorte de um dia de sol e tendo saído cedo, você estará de volta no meio da tarde e poderá ver acima do pico o brilho do seu

cruzeiro, iluminado pelo sol. Se a montanha aparenta ameaçar a cidade, sua cruz reluzente parece protegê-la.

## Belas Pedras (LXI): Pico do Breu

O Breu é considerado erroneamente o ponto culminante do Cipó, talvez pelo fato de parecer tão dominante quando visto do Parque Nacional ao sul, fechando o distante horizonte dos campos altos da região.

Você partirá do mesmo vilarejo de Lapinha da Serra, porém caminhando agora numa direção sul, subindo uma longa rampa mais ampla do que a anterior. A razão é que é mais afastada da montanha, que você contornará depois de 1½ hs de dura, porém agradável subida. Agora você terá chegado ao interior dos belos campos rupestres do Cipó.

Você atravessará dois campos, Suzano e Clemente, separados pelas águas do ainda jovem Parauninha. Seu curso é caprichoso, percorrendo o Breu no sentido sul e depois voltando para o norte até Santana do Riacho. Curiosamente, ele é o único curso desta enorme região que corre em sentido oeste, para desaguar no Rio Cipó, afluente do Rio das Velhas.

Agora, seu destino será o pouso na casinha isolada de Ana Benta, às costas de uma serra, com suas janelas magicamente mirando a corcova do Breu. Você a alcançará após 11 km de caminhada e 300 m de ascensão. Ana Benta sempre morou sozinha, durante os ¾ de século em que lá viveu – foi por isso chamada de guardiã da serra. Suas luzes apagaram-se em 2015 – no ano seguinte, sua casa foi a última deste longo vale a brilhar com a luz elétrica.

No dia seguinte, você subirá diagonalmente o Breu à direita da fenda que lhe percorre a parede leste. Embora nem sempre nítida, a trilha é relativamente cômoda,



Pico do Breu, visto do vale do Parauninha.

por ser visual, sem interferência de depressões ou vegetações. Serão talvez 2½ hs para percorrer 4½ km desde a casa. Você terá superado os 400m de desnível até o cume, a 1.686m.

É uma visão sugestiva: a oeste o maciço do Breu; a leste a Serra da Calçada e, ao longe, a da Ferrugem (que as mineradoras estão consumindo); ao sul e ao norte a Lagoa e o Pico da Lapinha. Mas a figura mais emocionante aparece lá longe: o inconfundível perfil do Itambé, com sua encosta inclinada e sua corcova abrupta. E, em toda a volta, os cênicos campos rupestres abraçando o claro quartzito das rochas.

Gostaria de fazer uma observação: a trilha da base ao cume do Breu parece estranhamente menor do que de fato é. A razão é que a parede do Breu é inclinada positivamente, no sentido da sua aproximação. O efeito de perspectiva tende a encurtá-la visualmente, engano que você naturalmente notará ao subir. Já a parede do Lapinha é bem mais vertical, diminuindo este efeito de encurtamento.

Não retornamos pelo mesmo caminho, pois continuamos de forma improvisada pelas encostas altas do Breu até o platô sobre o qual se assenta o Pico da Lapinha - os dois distam apenas 3½ km em linha reta. Felizmente havia água no seu vale, o que nos permitiu chegar à base da montanha em boas

condições. Contornamos o pico e descemos até o vilarejo por sua trilha, após 14 km de uma esplêndida travessia.

## Pico Montes Claros (LXII)

O Montes Claros é tão desconhecido, que nem mesmo na região ele é identificado. A tempo: não pertence ao vilarejo de mesmo nome que existe por perto e nem possui qualquer relação com a capital do norte mineiro.

Achá-lo na carta do IBGE de Baldim também não é fácil: ele está localizado na Serra da Mutuca - ocupa o canto sudeste do mapa, frontal à região da Lagoa Dourada. Entretanto, seus 1.697m de altitude fazem dele o ponto culminante de toda a Serra do Cipó – é isso mesmo, um metro a mais que o Breu!

O melhor acesso é pela vila de Altamira, porta de entrada do trek bastante praticado que vai à Lagoa Dourada. Altamira fica ao norte de Nova União, à qual você chegará pela Rodovia do Aço (BR 381), que liga a capital mineira a Ipatinga. O início da trilha ocorre a 9 km de Altamira, naturalmente por uma estradinha de terra. Curiosamente, é uma trilha um tanto óbvia, pois sobe inicialmente como um caminho largo dentro da mata, continuando a seguir pelos campos rupestres da região. A montanha será a segunda corcova à sua esquerda, numa distância de apenas 3½ km. Como

você começou a caminhar relativamente alto, a ascensão não passará de 450m. Assim, você experimentará uma rampa moderada de 15% nas confortáveis 1½ h de caminhada ao topo.

Não é um cume particularmente formoso, mas sua visão é poderosa. Os perfis do Caraça e do Breu serão visíveis a sul e a norte. No oeste próximo, você verá a Serra da Lagoa Dourada logo à sua frente. E, no leste distante, a curiosa formação do Itacolomi do Itambé, assim chamado porque estas duas montanhas são avistadas por quem sobe nele (um dia irei conhecê-lo). E, envolvendo todo este panorama, os campos altos do Cipó, na sua coloração que o inverno tinha tornado ocre. Como havíamos saído cedo, tivemos tempo de retornar ao Morro Redondo de Ipoema, vila distante 50 km do pico, onde estávamos alojados. Nosso propósito era chegar a tempo de desfrutar o pôr do sol. O Morro Redondo não é especialmente elevado, mas seus 1.220m desimpedidos permitem uma visão abrangente da serra. E, naquele mágico entardecer, enxergamos a discreta corcova do Montes Claros à direita do sol poente, com sua sombra preguiçosa crescendo em nossa direção. Mas nunca nos alcançou, pois o frio e a noite chegaram antes. Alberto Ortenblad, São Paulo ortenblad@terra.com.br

## Pico Montes Claros, visto do Sul.



14 anos dedicados a oferecer o melhor para sua aventura.

www.penatrilha.com.br

Penatrilha  
Rua Apeninos 803 São Paulo SP  
11 3562 1801

GENUINAMENTE  
**ARTESANAL**  
PRODUZIDA NO VALE DOS  
SERRANOS  
**SÃO BENTO DO SAPUCAÍ**

BLACK IPA - PRIMEIRA NO BRASIL | 5,3% ABV | 40 IBU  
BLONDE ALE - RECEITA BELGA | 6,3 ABV | 15 IBU  
RED ALE - LEVE E SUAVE | 4,0 ABV | 17 IBU  
WITBIER - TRIGO E ESPECIARIAS | 6,5 ABV | 11 IBU



LOJA DE FÁBRICA:  
ESTR. SERRANOS, KM2  
SÃO BENTO SAPUCAÍ  
(12) 3971.1470



**EQUINOX**  **MOCHILA DE ESCALADOR**

PROJETADAS POR ESCALADORES  
DURABILIDADE SUPERIOR



KIHÚ 2.0



SÍNTESE 2.0



GRANDE LESTE 2.0

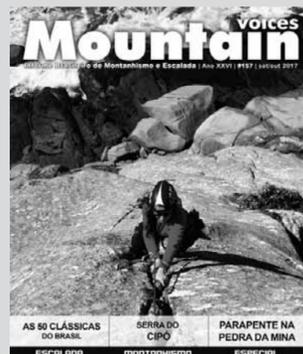
MODULARIDADE E POLIVALÊNCIA  
MENOR PESO EM SUAS CATEGORIAS

CARACTERÍSTICAS: SÓ O QUE FUNCIONA!  
MELHOR CUSTO-BENEFÍCIO



**Assine Mountain Voices e ajude na divulgação de seu esporte**

*Mountain Voices* é um informativo bimestral de circulação dirigida ao excursionismo brasileiro e patrocinado pelos anunciantes. Seu objetivo é fomentar a prática deste esporte no Brasil, em suas várias modalidades: montanhismo, escalada e espeleologia. Reprodução somente com autorização dos autores, e desde que citada a fonte. Não temos matérias pagas. Frizamos que o excursionismo expõe o praticante a riscos, inclusive de morte, que este assume deliberadamente. O uso de equipamento de segurança, bem como o acompanhamento de guia especializado, se faz necessário, porém não elimina totalmente o risco de acidentes.  
Editor: Eliseu Frechou  
Contatos: Cx.Postal 28, São Bento do Sapucaí - SP, cep 12490-000.  
E-mail: contato@montanhismus.com.br  
Web site: www.mountainvoices.com.br  
Agradecemos a todos os colaboradores deste número: patrocinadores, assinantes, e todas as pessoas que nos escreveram enviando artigos, críticas e apoio.



Capa: Cintia Daflon na Tarde de Outono, Morro da Galheta, SC  
Imagem: Flavio Daflon

Para fazer sua assinatura, renovação, envie este formulário junto com cheque cruzado e nominal à Eliseu Frechou, Cx.Postal 28 - CEP 12490-000 - São Bento do Sapucaí-SP. Preços válidos até 30/12/2017.

Nome.....  
Endereço.....  
Cidade..... Estado.....  
CEP..... Telefone.(.....).....  
E-mail.....  
Idade..... Profissão.....

Como conheceu Mountain Voices?.....  
Já participou de: ( ) Campeonato ( ) Encontro ( ) Palestra  
Que modalidade pratica com mais assiduidade: ( ) Caminhada  
( ) Escalada tradicional ( ) Escalada esportiva ( ) Boulder

- ( ) Assinatura Mountain Voices - R\$ 30,00
- ( ) Renovação assinatura - R\$ 20,00
- ( ) Assinatura 2 anos - R\$ 40,00
- ( ) Número atrasado do Mountain Voices - R\$ 5,00 / exemplar
- ( ) Manual de Escaladas da Pedra do Baú e Região - R\$ 25,00
- ( ) Manual de Escaladas de Itatiaia e Região - R\$ 25,00
- ( ) Manual de Escaladas da Serra do Cipó, Lapinha e Rod - R\$ 25,00

157

Total .....00

Desde 1989  
preparando montanhistas  
para grandes desafios.

**MONTANHISMUS**  
Escola de Escalada  
Telefax: (12) 3971.1470  
São Bento do Sapucaí - SP  
www.montanhismus.com.br

  **PRODUTO BRASILEIRO ORGULHO NACIONAL**

**ACREDITE NO PODER DA AVENTURA E VIVA ESSA CONQUISTA.**

Jonas Leffack - (Via Superhaust 10a) Foto: Marcos Cons

[CONQUISTAMONTANHISMO.COM.BR](http://CONQUISTAMONTANHISMO.COM.BR)  
[FB.COM/CONQUISTAMONTANHISMO1990](https://www.facebook.com/CONQUISTAMONTANHISMO1990)  
[INSTAGRAM.COM/CONQUISTAMONTANHISMO](https://www.instagram.com/CONQUISTAMONTANHISMO)



THE EVOLUTION OF  
ADVENTURE FOOTWEAR.



ANDINA

  
**SNAKE**  
WWW.SNAKE.COM.BR